

ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS: REFLEXÕES E EXPERIÊNCIA

ADRIELY RAMOS SANTOS SILVA¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo descrever e refletir sobre a experiência realizada no estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A pesquisa, de natureza qualitativa, foi conduzida em uma escola da rede municipal de ensino na cidade de Vitória da Conquista, no período de 01 a 26 de abril de 2024, em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais. O artigo aborda como essa experiência ocorreu, as práticas pedagógicas empregadas, os desafios encontrados e a compreensão da relação entre teoria e prática. Conclui-se que, apesar das adversidades, a experiência foi enriquecedora e fundamental para a formação docente.

Palavras-chave: Estágio. Ensino Fundamental. Anos Iniciais. Relato de Experiência.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade descrever a experiência realizada no percurso da disciplina de Estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental II do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). O estágio foi realizado em uma escola do ensino fundamental dos anos iniciais da rede de ensino municipal da cidade de Vitória da Conquista, no período de 01 a 26 de abril de 2024.

Segundo Pimenta e Lima, o estágio “não é uma atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da práxis docente” (2004, p. 45), é o momento de reflexão, de observar a escola com cautela, sem tantas obrigações, pois está ali para aprender. Observar como as crianças se relacionam, como os professores se relacionam e como é a dinâmica dessa escola, de que maneira ela se organiza. Além disso, permite planejar e conduzir aulas e ter uma noção de como é estar à frente de uma sala de aula.

O estágio inseriu os licenciandos no ambiente escolar, permitindo o conhecimento da realidade, suas dinâmicas e desafios. Este estudo visa descrever e refletir sobre essa experiência, conhecer as práticas docentes, aprender a lidar com as dificuldades e limitações encontradas no âmbito escolar e refletir sobre as práticas pedagógicas.

Durante o período de 01 a 05 de abril, foram realizadas observações em uma turma de 4º ano dos anos iniciais. De acordo com Ludke e André, “a observação direta permite também que o observador chegue mais perto da ‘perspectiva dos sujeitos’, um importante alvo nas abordagens qualitativas” (1986, p. 26). No decorrer desse tempo, foi possível familiarizar-se com os alunos e professoras. A turma era composta por 33 alunos, a maioria já alfabetizada; no

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

entanto, seis deles estavam no processo de alfabetização, apresentando dificuldades com a leitura e a escrita. Para esses alunos, eram propostas atividades distintas nas aulas de Língua Portuguesa, nas outras disciplinas, realizavam as atividades junto com a turma. Também ocorriam aulas de reforço para eles no mesmo turno que estudavam. Outra profissional os buscava para essas aulas, e, ao concluí-las, retornavam para a sala de aula.

A professora regente da turma possui formação em Letras, com especialização em Literatura Infantil. Atua como professora há 22 anos e está na escola há 4 anos, com uma carga horária de 40 horas semanais. Ela ministra aulas na segunda-feira, quarta-feira, quinta-feira e nos últimos horários da sexta-feira, dedicando os demais períodos ao planejamento pedagógico. A pedagoga, por sua vez, é graduada em Pedagogia e atua na turma na terça-feira e nos primeiros horários da sexta-feira.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Por meio do estágio, é possível adquirir conhecimentos sobre a futura profissão, permitindo o convívio com os profissionais que já atuam na área e proporcionando o encontro dos futuros professores com aqueles que já exercem a docência. Em seus estudos, Alexandra Garcia (2013) destaca a relevância desses encontros na formação inicial, tendo em vista que eles possibilitam a articulação de saberes e de experiências, além de promover reflexões e questionamentos sobre a carreira docente.

Na semana de coparticipação, iniciou-se a elaboração dos planos de aula para as semanas de regência, após conhecer a rotina da turma: ritmo de trabalho, tempo necessário para as atividades, dificuldades e colaboração entre os alunos. Além disso, as professoras compartilharam os assuntos que estavam sendo trabalhados e os que estavam previstos para as semanas de regência. No entanto, foi necessário reelaborar os planos, pois, assim que foram concluídos, a professora regente apresentou um cronograma enviado pela Secretaria Municipal de Educação, que solicitava o uso dos “cadernos de atividades”, um de Língua Portuguesa e outro de Matemática. Esse cronograma estabelecia quais e quantas atividades deveriam ser realizadas a cada semana, e a data de início para utilizá-los coincidiu com o início da regência. Assim, identificou-se um modelo tecnicista na escola. Silva descreve esse modelo da seguinte maneira:

[...] ocorre uma mudança qualitativa na organização do trabalho pedagógico da escola, que passa a ter como base um ensino que busca resultado uniforme, com ênfase em métodos e técnicas de ensino e na valorização da utilização de manuais, livros didáticos, módulos de ensino e recursos audiovisuais (2017, p. 206).

Com isso, os planos de aula foram recriados para poder encaixar essas atividades, o que acabou tirando a autonomia do planejamento, tendo em vista que era preciso realizar quatro atividades por semana, além de uma do projeto EDUCAN.

Essa questão dos projetos encaminhados pela Secretária Municipal chamou muita atenção dos estagiários. Por não estarem em contato direto e regular com as escolas, isso não era do conhecimento de todos. Diferente do Estágio da Educação Infantil, onde foi permitido criar os planos de aula, desde que seguissem os temas propostos, essa experiência foi diferente. Seguir as atividades propostas retirou a oportunidade de levar algo novo para os alunos. Embora seja menos cansativo realizar atividades já prontas, isso não traz algo significativo para a formação de um futuro docente. Foi como se os estagiários apenas substituíssem os professores, sem introduzir novidades, já que os alunos estavam acostumados com aquele modelo tecnicista de aula.

Além das atividades prontas e cronometradas, os professores também recebem uma apostila com as orientações didáticas e outra com as respostas para conduzir as atividades. Isso acaba influenciando no trabalho do professor, limitando suas escolhas. O trabalho docente torna-se uma “autonomia relativa”, impossibilitando que o professor possa gerir plenamente o seu trabalho. “O saber dos professores que aí atuam parece residir unicamente na competência técnica e pedagógica para transmitir saberes elaborados por outros grupos” (Tardif, 2014, p. 35), como se o professor que está ali diariamente não tivesse capacidade para ensinar, mas sim grupos que nem conhecem a escola, desvalorizando, assim, o saber docente.

O estágio também colaborou para a compreensão das dificuldades que os professores enfrentam na educação básica, como o fato de haver apenas um professor para mais de trinta alunos. Reter a atenção deles requer um bom trabalho pedagógico e uma boa didática, especialmente considerando que esses alunos não estavam em um mesmo nível de aprendizagem: enquanto uns já sabem ler e escrever, outros estão começando a assimilar sílabas simples. É na prática que o professor aprende a coordenar tais situações, “esses saberes brotam da experiência e são por ela validados” (Tardif, 2014, p. 39). É na prática docente que muitos saberes são desenvolvidos. Durante o estágio, a situação foi mais manejável porque havia duas pessoas: os estagiários estavam divididos em duplas. Isso permitiu que, enquanto uma pessoa ministrava as atividades regulares, a outra auxiliava os alunos em processo de alfabetização, e havia um revezamento nessa prática.

O fato de já ter experiência no âmbito escolar tornou a trajetória mais fácil, embora cada experiência seja única, pois envolve lugares e sujeitos diferentes. Já ter estado à frente de uma

sala de aula traz mais segurança em comparação com a primeira vez, além de colaborar para um melhor domínio da turma e ajudar na elaboração dos planos de aula e na escolha das atividades. Esse contato com a escola, antes e durante a graduação, também contribui para a compreensão das teorias apresentadas ao longo do curso. “Essa contrastação entre a prática e os conhecimentos teóricos aparece já na formação inicial de professores” (Libâneo, 2001, p. 24), o que promove reflexões e aprimora os conhecimentos sobre a prática docente.

Durante o intervalo, ocorria o momento de interação com os outros estagiários, em um espaço próximo à cozinha, onde conversavam, lanchavam e relatavam as experiências vividas durante o estágio. Conforme demonstrado no estudo de Bondía, "o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal" (2002, p. 27). Diferentes experiências eram compartilhadas, especialmente entre aqueles que ainda não haviam tido contato com os anos iniciais ou que não haviam assumido a sala de aula como professor. A cada dia, surgiam relatos dos desafios, dos momentos de descontração, das atividades realizadas e das atividades que não conseguiram realizar.

Foi possível estabelecer uma boa relação com os alunos da turma. "Saber estabelecer uma relação com os alunos é mais importante do que saber estabelecer uma relação com os especialistas" (Tardif, 2014, p. 51). Ter esse contato direto com os alunos tornou a experiência significativa, e o vínculo estabelecido colaborou para o desenvolvimento das aulas. Desde o primeiro contato, os alunos foram muito receptivos e afetuosos; alguns, mais tímidos, se aproximaram apenas durante o período de regência. No momento da despedida, houve choro, e eles não queriam se despedir, pedindo para que voltassem na semana seguinte. Eles abraçavam os estagiários e pediam para tirar fotos, tornando aquele um momento único e muito emocionante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ambiente escolar é desafiador, pois nele encontramos diferentes pessoas, desde profissionais diversos até as variadas crianças e suas famílias. O estágio, durante a graduação, proporciona esse encontro, permitindo ao futuro professor ter uma ideia do que pretende fazer em sua prática docente e do que não pretende seguir, identificando práticas que deseja evitar. No entanto, muitas vezes, essas escolhas não dependerão apenas do professor. Na universidade, aprende-se sobre diferentes tipos de docência e novas formas de educar, mas, ao confrontar essas teorias com a realidade escolar, percebe-se um retrocesso, com a aplicação de práticas que tendem a ser ineficazes.

A universidade, em muitos casos, promove uma distância da realidade educacional, levando à crença de que a mudança na educação depende exclusivamente dos professores e de suas práticas. Na realidade, encontram-se professores sem autonomia em suas práticas pedagógicas, obrigados a seguir roteiros elaborados por pessoas que não conhecem de fato a realidade enfrentada diariamente nas escolas, e que não compreendem que os alunos são sujeitos únicos. No entanto, é importante ressaltar que as teorias estudadas na universidade auxiliam na formação docente, pois contribuem para o desenvolvimento de um pensamento crítico. Aprende-se que certas práticas não favorecem o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos.

Poder conviver com outros professores e observar as dificuldades e limitações que enfrentam para desenvolver seu trabalho aumenta a admiração por essa profissão e por esses profissionais. Eles enfrentam um desgaste físico e mental considerável, lidando com diferentes indivíduos que trazem suas particularidades, diversas famílias e diferentes turmas, pois lecionam em uma turma pela manhã e outra à tarde.

Contudo, apesar de desafiadora, a experiência do estágio é enriquecedora. As descobertas e aprendizagens certamente contribuem para a construção da identidade docente, pois é na prática que se forma o profissional que se deseja ser. Além do aprendizado das práticas pedagógicas, há também o aprendizado com os alunos, já que foram eles os principais protagonistas das trocas durante o estágio. Que essa experiência tenha sido tão enriquecedora para eles quanto foi para quem a vivenciou.

REFERÊNCIAS:

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Universidade de Barcelona, Espanha, p. 1-11, 2002.

GARCIA, Alexandra. Encontros e processos formativos: uma conversa sobre currículos e estágio na formação de professores. **Cadernos de Pesquisa em Educação - PPGE/UFES**, Vitória, ES., p. 1-51, jul./ dez. 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001. 260 p.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. *In*: PESQUISA em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. cap. 3, p. 25-44.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004. 282 p.

SILVA, Andréa Villela Mafra da. A pedagogia tecnicista e a organização do sistema de ensino brasileiro. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 16, n. 70, p. 197–209, 2017.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 16 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.